

O Tempo e a Historicidade em *Os Sertões*, de Euclides Da Cunha

HELDER SILVA LIMA*

O tema desta pesquisa provém da questão evidenciada pelos recentes trabalhos em teoria da história: a relação entre o tempo e a narrativa.¹ Neste trabalho intenta-se investigar como se percebeu e se narrou o tempo na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. O objetivo é entender como a consciência histórica, articulando categorias temporais de passado, presente e futuro, se evidencia na obra, criando sentido histórico para a narrativa. Investiga-se, portanto, as condições predeterminantes da percepção do tempo, atentando para a historicidade, que se traduz na apresentação do sertão e do sertanejo.

Publicado em 1902, escrito após o desenlace dos acontecimentos, o livro narra a história da Campanha de Canudos – a repressão empreendida por forças militares federais ao movimento messiânico liderado pelo beato Antônio Conselheiro, tido como ameaça à república, que culminou na destruição do arraial de Canudos e na degola dos prisioneiros.

O que torna a obra singular é que não apenas descreve os fatos de uma campanha militar, mas apresenta-se como uma exposição complexa da realidade sertaneja, problematizada enquanto o enigma da realidade nacional a ser decifrado. Euclides narra a campanha de Canudos enquanto uma história que representa, segundo sua visão, tanto a realidade nacional como os impasses e conflitos que aparecem para serem resolvidos naquele momento de transição do regime monárquico ao republicano.² O livro assume, pois, o caráter de denúncia³ dos rumos tomados nos primeiros anos da República.⁴

* Mestrando, PPGHIS da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação do prof. Dr. Renato Lopes Leite; bolsista CAPES.

¹ Depois da crise dos paradigmas dos anos 80 sob a crítica da *linguistic turn*, a história retoma a reflexão hermenêutica, pondo em causa os princípios fundamentais da historicidade, da percepção do tempo, e da representação da própria história, donde destacam-se os trabalhos de Paul Ricouer, Michel de Certeau, Reinhart Koselleck e Jörn Rüsen (DOSSE, 2004:56 – 61).

² Nicolau Sevcenko demonstra como houve um ativismo literário nos primeiros anos da República brasileira, da qual Euclides da Cunha, juntamente com Lima Barreto, representantes da “Geração de 1870”, foram os autores mais comprometido com o debate público, defendendo seus ideais humanitários. Marcado, nesse contexto, por um cosmopolitismo humanitário e pacifista, preocupado nos rumos a que dar a República pela qual lutara, mas com a qual se desapontara, Euclides fará das letras “o instrumento e fim da sua ação” (SEVCENKO, 1995:125-128).

³ Na frase sintética e aguda de Euclides da Cunha: “E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo.” (CUNHA 1975:8).

Há por outro lado, concomitante a denúncia, o exposto que a torna mais contundente, a intenção explícita de estudar, no dizer de Euclides, “ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil”. O ensejo provinha de sua ideia, tácita em *Os Sertões*, de proceder ao reconhecimento da região interiorana do país e de sua gente, a fim de um projeto de integração dos territórios brasileiro.⁵

Eis que a questão temporal manifesta-se acentuadamente. O registro das características sertanejas tornava-se urgente para Euclides porque antevia seu eminente desaparecimento frente a marcha civilizatória do progresso. Desta forma, o sertão e o homem que o habita surgem imersos em uma temporalidade própria – o passado, que ainda persiste.

Após elencar os tipos sertanejos⁶, “o jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo, o caipira simplório”, na Nota Introdutória d’*Os Sertões*, Euclides afirma:

Além disto, mal unidos àqueles extraordinários patrícios pelo solo em parte desconhecido, deles de todo nos separa uma coordenada histórica – o tempo. Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. (CUNHA 1975:8)

Mais do que a distância geográfica, todavia superada pela viagem, a maior distância que Euclides aponta entre os civilizados modernos e os populares sertanejos é o tempo. O problema: o que lhe permite estabelecer essa distância, de tomar a si mesmo como pertencente ao presente e ao futuro e encarar o sertanejo como passado?

A questão evidencia uma complexidade. Pois, no tempo cronológico, ambos, narrador-observador e sertanejo-observado, são simultâneos. No tempo refletido na

⁴ Segundo Luiz Costa Lima, Euclides entende que “Canudos fora sintoma de algo bastante grave. Era o país, a cuja história Canudos de chofre se incorporara, que carecia de interpretação” (LIMA, 1997:27). Por isso, como nos diz Walnice Nogueira Galvão, “o discurso de Euclides é de um tribuno defendendo uma causa e acusando um réu” (GALVÃO, 2009:16). Também para Wille Bolle, o discurso do narrador de *Os Sertões* se porta como perante um tribunal no qual se julga um momento decisivo da história brasileira (BOLLE, 2004:8). O caráter literário e historiográfico da obra será discutido mais adiante.

⁵ Para Nicolau Sevcenko, o impulso integrativo de Euclides vinha de sua concepção de formação nacional, capaz de fazer frente às ordens estrangeiras, e definir por si só os trilhos de sua evolução histórica. Assim, “a conjunção de esforços para o conhecimento sistemático do país seria o pressuposto imprescindível de qualquer ação consequente e a opção capaz de redimir o país dos seus sobressaltos e dificuldades presentes” (SEVCENKO, 1995:141).

⁶ A tipologia provavelmente vem de Sílvio Romero, o primeiro a sistematizar o estudo do folclore brasileiro em três vertentes, correspondente cada uma a raça de origem, o índio, o negro, o europeu. Da confluência dessas três raças, surge o mestiço, enquanto tipo genuinamente nacional, propriamente o sertanejo e suas profissões populares, vaqueiro, jagunço, etc. Cf. (ROMERO.; CASCUDO, 1985).

narrativa de Euclides elaborado segundo uma consciência histórica, o passado está diante dos olhos, no sertanejo vivo.

Talvez com uma hermenêutica da consciência histórica, que explicita como o tempo é percebido, o passado compreendido e o futuro esperado, a própria condição de consciência da historicidade – de Euclides – seja desvelada; desta maneira, revelando como a História fora percebida por este autor, no Brasil no momento de virada de século⁷

A proposta de narrar a campanha de Canudos se resolve em um texto cujo gênero não é facilmente estabelecido. Não se enquadraria perfeitamente na definição de romance histórico, uma vez que a intenção de seu autor não guarda o caráter ficcional; entretanto, seu modo analítico não exclui uma refinada elaboração poética. Não obstante sua indefinição, foi guardado por muito tempo pela crítica acadêmica no cânone literário nacional, figurando como obra realista pré-moderna, cujo estilo se enquadraria no regionalismo de viés naturalista, contribuindo para a transição da época romântica do século XIX para o modernismo que afloraria na década de 1920 (BOSI, 1988: 345).

Recentemente, Luiz Costa Lima, após um escrupuloso exame no qual debate justamente a ambiguidade entre a natureza não ficcional e a elaboração poética presentes na estruturação do texto, demonstra como essa oposição tanto não se mostrava incomoda ao autor, quanto tampouco à recepção inicial da obra provocou qualquer desconforto (LIMA, 1997:16-17). Ao autor e seus contemporâneos não pareceu problemático unir um discurso de intenção científica com os floreios retóricos que, assumidamente, visavam um efeito estético. Antes, foi justamente o logro de unir ciência e arte que o valorizou frente à crítica.⁸ Tal fato parece a Luiz Costa Lima algo perturbador frente a divisão entre literatura e ciência, que já corria avançada na época.

A tranquilidade dos primeiros críticos, a qual se confirma na correspondência do autor, aponta, segundo Lima, para a indistinção entre gênero literário e história; mesmo neste caso, em que Euclides recorre às matérias científicas de psicologia, geografia, e sociologia na elaboração de seu texto. Segundo Lima, a unanimidade

⁷ A noção de hermenêutica da consciência histórica, baseada nas categorias temporais, surge do trabalho do historiador alemão Reinhart Koselleck. Cf. (KOSELLECK, 2006:305 – 327).

⁸ José Veríssimo, por exemplo, em 1902, escreveu: " O livro [...] do sr. Euclides da Cunha, é ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista [...]" (VERRISIMO. *Apud.* LIMA, 1997:16).

quanto a questão “parece indicar que, ainda no começo do século XX, o critério expressivista-romântico não era reconhecido como antagônico à velha concepção retórica” (LIMA, 1997: 17).

Desta forma, Luiz Costa Lima reestabelece *Os Sertões* na tradição ensaística, de origem ibérica, para a qual história e literatura não são propriamente distintas, mas unidas pela raiz retórica comum. Entretanto, a recepção imediata da obra não observou, na argumentação de Euclides, que a tarefa de se conhecer a terra e o homem, descobertos enquanto essência do ser brasileiro, levava-o à condenação da violência e da modernização. Pelo contrário, o livro foi louvado sobretudo, pelo fato de Euclides ter proporcionado, com juízos que se tomavam por científicos e numa linguagem poética, o conhecimento da terra e de seu habitante sertanejo. Ou seja, de ter desvendado “a natureza do povo brasileiro”, a “essência da nação” (LIMA, 1997:20-25).

O caráter retórico de *Os Sertões* também é salientado por Willie Bolle, que entende a obra como trabalho historiográfico. Bolle ressalta a postura do narrador, para o qual a História se constitui como tribunal, e sua palavra como de um tribuno orador, na acepção da retórica clássica. A concepção de “história como tribunal” incluiria *Os Sertões* em um *topos* historiográfico que, segundo Bolle, “existe desde Antiguidade, foi desenvolvido na época moderna por D’Alembert (a história como ‘tribunal íntegro e terrível’), Schiller (‘*Die Weltgeschichte ist das Weltgericht*’ — ‘A história universal é o tribunal universal’) e Hegel, para quem a história é um “processo” diante do “tribunal universal”. Ademais, Bolle situa *Os Sertões* em uma tradição de ensaios e de literatura regionalista, os quais tiraram, do espaço e daquele o habita, os “retratos do Brasil” (BOLLE, 2004: 35-37; 47-90).

A capacidade do espaço e do “povo” de representar a nacionalidade é originária do romantismo europeu (BOLLE, 2004:48). Difundida e comunicada entre os países da América Latina, ela foi recepcionada justamente no momento das independências, com o que se buscou traços nacionais particulares, que distinguiriam culturalmente as ex-colônias de suas metrópoles. Um historicismo de base, o qual pressupunha a literatura como consequência direta dos fatores do meio e da história, levava à crença de que cada povo, nacionalmente constituído, possuía a sua característica espiritual definível e distinguível entre os demais (CÂNDIDO, 2006:178).

Por sua vez, Claudia Wasserman faz uma recensão das discussões historiográficas latino-americanas, desde os movimentos de independência até o século XX. Demonstra como, desde então, as temáticas sobre a identidade nacional foram constantes (WASSERMAN, 2007:351-249). O território americano, na busca pela sua identidade nacional, modificava o sentimento de se pertencer a cultura ibérica, donde se vertia uma historiografia que granjeava no passado colonial, e às vezes no pré-colonial, as suas origens históricas.

Os ensaios históricos do século XIX, que proliferaram no pós-independência, empenharam-se em achar os elementos peculiares, com os quais se diferenciavam das ex-metrópoles, num processo em que, para o efeito de contraste, o semelhante e as confluências culturais são esquecidos em favor do destoante e do típico. A valorização do índio, das civilizações pré-colombianas ou das figuras típicas - como o gaúcho argentino e o mestiço brasileiro, inserem-se no contexto dessa produção sobre a “ontologia da nacionalidade”. Segundo Wassermann, “do ponto de vista intelectual, do pensamento acerca das questões nacionais, pode-se afirmar que a busca das origens da nação, da essência da nacionalidade e de aspectos identitários foram igualmente vigorosos em todos os países do subcontinente” (WASSERMAN, 2007:352).

Nessa produção de nacionalidades latino-americanas, no século XIX, Claudia Wasserman compreende Euclides da Cunha ao lado de Capistrano de Abreu e Varnhagen, no Brasil; Domingo Faustino Sarmiento⁹ e Juan Bautista Alberdi¹⁰, na Argentina; Lucas Alamán¹¹ e José María Luís Mora¹², no México; entre outros intelectuais do subcontinente, que “atribuíam aos fenômenos da natureza – geografia e clima – e aos fatores raciais, como a mestiçagem, todas as causas dos problemas latino-americanos” (WASSERMAN, 2007:267).

⁹ Domingo Faustino Sarmiento Albarracín (1811-1888) Escritor, jurista, historiador, militar, e político argentino; opôs-se, depois da independência argentina, aos federalistas, liderados por Juan Manuel Rosas; exilado, voltaria ao país e se tornaria presidente nacional, entre 1868 a 1874. Considerado fundador da literatura argentina, o seu livro *Facundo o Civilización y Barbarie en Las pampas argentinas*, foi influência para Euclides da Cunha na formulação de *Os Sertões*, como demonstra a tese de Miriam Viviana (GARATE, 1995).

¹⁰ Juan Bautista Alberdi (1810-1884) Jurista, economista, político, músico argentino. Sua produção mais significativa envolve história do direito e teoria política do estado.

¹¹ Lucas Alamán (1792-1853) Político, escritor e historiador mexicano; fundador do arquivo público nacional, *Archivo General de la Nación*.

¹² José María Luís Mora (1794-1850) Padre mexicano liberal, escreveu estudos históricos como *México y sus Revoluciones*, de 1836.

Salienta-se, portanto, as origens românticas e historicistas como fundamento dos nacionalismos que brotaram na Europa, mas que encontraram na América Latina, no contexto dos movimentos de independência, um terreno fértil que fincou raízes duradouras na produção intelectual. Desta forma, se se criou um tipo sertanejo, propriamente brasileiro, na Argentina, guiada pelos mesmos princípios românticos, elaborou-se o *gaucho* como homem que expressa o ser nacional; assim também, como o índio nos países que englobaram as civilizações pré-colombianas e o negro na América Central. Do mesmo modo, o espaço adquire toda importância, sendo o sertão brasileiro, o pampa argentino, e o altiplano andino, pintados pelo espírito romântico com a solidão dos desertos, lugar do confronto do homem com as forças da natureza, e nostalgia de algum passado perdido (Cf. PRÓ, 1972: 195-214).

A ironia desse nacionalismo é que justamente o romantismo, que lhe informa os preceitos, foi um movimento internacional, difundido e debatido em diálogos transculturais, como bem aponta Otto Maria Carpeaux:

A literatura romântica, que tantas vezes se gabava de ser mais nacional e mais nacionalista do que o classicismo, constituiu, no entanto, o movimento literário mais internacional de quantos a Europa até então tinha visto. [...] O romance histórico à maneira de Scott, o poema narrativo à maneira de Byron, o teatro à maneira de Hugo, aboliram todas as fronteiras literárias. E aqueles elementos nacionais combinaram-se, criando os tipos da literatura romântica internacional. (CARPEAUX, 1962:1652)

Se a consagração simbólica do tipo sertanejo relaciona-se com as ideias do romantismo, também parece ser desta corrente que Euclides da Cunha retira a representação da História enquanto luta dramática – entre o avanço civilizatório e o atraso bárbaro, entre o homem e a natureza.

Segundo Francisco Foot Hardmann, é uma veia romântica que nutre em nosso autor sua relação com a História. Para Hardmann, as raízes românticas de Euclides da Cunha foram muito pouco notadas pela crítica, em geral preocupada em situar a literatura no interior de correntes estéticas, cada qual mais ou menos oponente uma das outras (classicismo, romantismo, realismo, modernismo). Perguntando pelas matrizes de ideias do autor de *Os Sertões*, Hardman encontra “ um romantismo de base, de matriz hugoniana, que provoca em sua prosa e poesia uma interessante combinação

entre estética do sublime, dramatização da natureza e da história e discurso socialmente empenhado” (HARDMANN,1996:294).¹³

Em *Os Sertões*, a vinculação com romantismo fica mais clara quando o situamos em uma corrente de produções sobre o espaço do interior, a qual se deu o nome de regionalismo.

Antigamente de uso comum na língua portuguesa, empregado para se referir ao espaço interior, a mata distante da costa marítima,¹⁴ o sertão adquire com os escritores românticos uma existência literária, que consolidaria sua forma simbólica. Como demonstra Fernando Cristóvão, o sertão transforma-se em um espaço simbólico-mítico, no qual três vertentes são usualmente presentes: “o das descrições da terra brasílica versus terra lusitana, o do mundo rural versus mundo urbano, e o do tempo passado versus tempo presente” (CRISTÓVÃO, 1993-1994:43).

Se nas primeiras produções românticas tentou-se alçar o índio enquanto tipo heroico e fundador, como em *O Guarani* (1857), de José de Alencar; logo se abandonou o silvícola em favor do habitante do interior. Seguiram-se os variados regionalismos e levantamentos de folclore das províncias, nos quais, geralmente, se amenizava a realidade social excluindo os atritos e a questão escrava. Com a literatura regionalista e a voga folclorista, construiu-se um discurso que, na formulação própria de Michel de Certeau, mumifica a cultura popular, instituindo-a como museu de morto-e-vivos.¹⁵

O primeiro livro que representa a virada da temática indianista para a sertaneja é *O Ermitão de Muquém*,(1869), de Bernardo Guimarães. Sucedeu-se uma enorme

¹³ Sobre o romantismo, Eric Auerbach esclarece que foi o responsável por uma mutação no modo de se observar a história, de onde se definiu não só as ciências históricas contemporâneas, na esteira da Escola Histórica Alemã, mas toda uma cultura histórica, a base do pensamento da modernidade. Segundo o autor alemão, o romantismo “criou o fundamento estético para o realismo moderno: refirme-se àquilo que recentemente se denominou historicismo” (AUERBACH, 2007:395).

¹⁴ Na definição do dicionário de Luiz da Silva Marina Pinto, de 1832, o termo, no sentido literal significa: “O interior das terras. Mato distante da costa marítima.”; podendo ser usado no sentido figurado, “*Sertão da Calma* o lugar onde ella he mais intensa” (PINTO, 1832. Verbetes: “Sertão” [s.p]).

¹⁵ Em um artigo em conjunto com Dominique Julia e Jacques Revel, Michel de Certeau atenta para o caráter temporal presente na noção de cultura popular, que a transmuta, tal como a história, em trabalho fúnebre: “O folclore assegura a assimilação cultural de um museu que passou a ser tranquilizador: (...) define-se, assim, como um patrimônio, segundo uma dupla rede histórica (a interpenetração dos temas garante uma comunidade de história) e geográfica (a sua generalização no espaço atesta a coesão deste último)” (REVEL.; CERTEAU.; JULIA, 1989:57) Para a história do conceito de folclore, e sua apropriação pelo romantismo brasileiro, cf. (ORTIZ, 1992).

produção sertanista, dentre os quais se destacam *O Índio Afonso* (1873), de B. Guimarães; *O Sertanejo* (1875), *O Gaúcho* (1870), de José de Alencar; *O Cabeleira* (1876), de Franklin Távora; *Cenas de Viagem* (1868) e *Inocência* (1876), de Visconde de Taunay; *O Sertão* (1896), de Coelho Neto; *Pelo Sertão* (1898), de Afonso Arinos; e, finalmente, *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha.

Se observado o contexto dessas obras, notamos que a modificação da temática indígena para a sertaneja acompanha uma série de mudanças sociais que vivia o país. Conforme César Guilhermino sustenta, a preocupação com o espaço interior deve-se a conjuntura que envolve a Guerra do Paraguai (1864 – 1870), o movimento abolicionista, a propaganda republicana, as ondas imigratórias e os projetos de expansão da malha ferroviária e marítima para as zonas rurais, numa preocupação de afirmar e garantir os limites do território nacional (CESAR, 1966:15).

Entre tais obras, a novidade estilística de *Os Sertões* reside em sua descrição analítica do meio e do homem sertanejo, devido a sua intenção de mimese histórica e científica (LIMA, 1997:20-25). Situa-se, portanto, no centro de uma produção simbólica sobre o espaço sertanejo, que o cristalizaria enquanto forma. Walnice Nogueira Galvão demonstra, em seu estudo sobre as tramitações formais do sertão, uma longa tradição na qual, depois de Euclides, o tema seria reatualizado. Assim, foi apropriado pelo romance regionalista de 30, pela literatura de Guimarães Rosa, novamente pelo Cinema Novo, e continua a inspirar uma produção literária, televisiva, cinematográfica e musical (GALVÃO, 2004: 375-394). Ainda, no cenário internacional, inspiraria diretamente produções singulares, como *Um místico brasileiro* (1920), do escocês Cunningham Graham; *Le mage Du sertão* (1952), de Lucien Marcha; *Verdicto em Canudos* (1970), do escritor húngaro Sándor Márai; e *A guerra do fim do mundo* (1981), de Vargas Llosa. Embora cada produção insira-se em seu contexto próprio, a permanência da forma chama a atenção para sua força representativa.¹⁶

É curioso como se avulta o elemento temporal em que o sertão se vê sempre imerso, já distinguido por Fernando Cristóvão nos três caracteres morfológicos da

¹⁶ Quanto a questão da trama textual em que se insere o objeto de pesquisa do historiador, François Dosse sintetizou como “todo esse material torna-se um campo privilegiado para o historiador, que considera hoje que as representações em suas transformações sucessivas são substanciais a seu objeto de pesquisa. (...) a evolução das representações deste, a diversidade das narrativas às quais ele dá origem fazem totalmente parte do acontecimento em si e sua eficácia flutuante ao longo do tempo.” Como demonstrado por Georges Duby, em seu trabalho sobre o *Domingo de Bouvines* (DOSSE, 2004:65).

corrente literária sertaneja: a significação da nação, o rural contra o urbano, e o tempo passado contra o tempo presente. Constituindo o sertão como “lugar que, simultaneamente, se afirma e se nega, tempo sobretudo de outros tempos, reino do fantástico e do mítico” (CRISTÓVÃO, 1993-1994:43). Desta forma, em Euclides, o sertão é mais um espaço-substancial emocional do que um recorte geográfico preciso, “é uma ideia que remete ao interior, à alma, à essência do país, onde estariam escondida suas raízes” (ALBUQUERQUE Jr, 2009:67).

Enfim se pode aprofundar as questões lançadas de início, em relação a historicidade presente em *Os Sertões*. Levanta-se a hipótese de que é a concepção de tempo da modernidade que está na base das produções sobre o sertão, conseqüentemente fundamentando a representação do espaço e do sertanejo exposto no livro de Euclides da Cunha.

Esclarecedor, nesse sentido, é o comentário de Paul Ricoeur sobre a aceleração do tempo moderno quando confrontado com a descrição dos sertanejos, apresentada por Euclides. Segundo o filósofo francês, “aceleração é uma metacategoria dos ritmos temporais que vincula a melhora ao encurtamento dos intervalos; ela dá à noção de velocidade um toque histórico; ela permite a contrário falar de atraso, de adiantamento, de estagnação, de regressão” (RICOEUR, 2008:313).

Agora, em Euclides os sertanejos assim são descritos: “Falta-lhes uma situação de parada ou equilíbrio, que lhes não permite mais a velocidade adquirida pela marcha dos povos neste século. Retardatários hoje, amanhã extinguirão de todo” (CUNHA 1975:7).

Talvez *Os Sertões* seja mais dependente dessa consciência história moderna, da qual fala Paul Ricoeur, do que tenha suposto seus comentadores. O espaço repositório da tradição sertaneja, essência da nacionalidade, fundamenta-se em uma percepção do transcorrer temporal, que é própria da modernidade. Nesse sentido, Octávio Paz notou que

ao mudar nossa imagem do tempo, mudou nossa relação com a tradição. Ou melhor, mudando nossa ideia do tempo, tivemos consciência da tradição. [...] Aquele que sabe ser pertencente a uma tradição implicitamente já se sabe diferente dela, e esse saber leva-o a interrogá-la, e às vezes, a negá-la. (PAZ 1984:25).

Ademais, o espaço sertanejo torna-se não apenas passado memorado, mas adquire sentido nostálgico, mesmo em um autor como Euclides da Cunha. Resumido

seu currículo, eis autor de Os Sertões: engenheiro formado pela Escola Militar da Praia Vermelha, sorvido no cientificismo disponível no fim do Século XIX - desde a sociologia biológica de Gumpłowicz à psicologia patológica de Maudsley, - republicano entusiasmado, na grei do evolucionismo positivista, e ponderado na veracidade dos fatos à Hippolyte Taine. Rebuscado, Euclides da Cunha faz do sertão terras de um passado mais doce, do engenho anti-moderno, onde a cultura popular é contraposta a onda civilizatória moderna. Nos versos a que se arriscara compor:

Que outros adorem vastas capitais / Aonde, deslumbrantes, / Da Indústria e da Ciência as triunfais / Vozes se erguem em mágico concerto; / Eu não, eu prefiro antes / As catas desoladoras do deserto / Cheias de sombra, de silêncio e paz... / (...) Fazem-me mal as multidões ruidosas / E eu procuro nesta hora, cidades que se ocultam majestosas / Na tristeza solene do sertão... (CUNHA apud SEVCENKO, 1995:140).

Passado arcaico, verdadeira pátria originária, o sertão de Euclides serve como crítica de seu presente, ao sentenciar, como orador no tribunal da história, “é que ainda não existe um Maudsley¹⁷ para as loucuras e os crimes das nacionalidades...” (CUNHA, 1975:479).

Após a campanha, destruído o arraial, caído ruína, o sertão torna-se recordação pela sua narrativa, que faz da proximidade do ontem a estranheza do hoje.

Qual utopia ao avesso, projetando-se em fuga, não ao futuro, mas ao mundo onírico envolto nas brumas do passado, o sertão representa? Seria o “refluxo para o passado” que Canudos representava para Euclides, tal como o filósofo Ernst Bloch indicou da utopia contida em todo “*era uma vez*” das histórias? “Isto significa não só algo passado, mas também um outro lugar mais vistoso ou mais agradável” (BLOCH, 2005:345-382), anseio do longínquo suscitado por destroços do naufrágio no oceano do tempo, viagem ao Oriente do sonho, último recanto do paraíso, alegoria, enfim, de outras terras, ignotas, onde, talvez lá, se encontre a felicidade?¹⁸

Mesmo que Euclides da Cunha fosse crente no positivo desenvolvimento da humanidade, não indicaria este anseio pelo passado, uma aporia na concepção de progresso, do tempo linear da evolução do homem na história? Assim, antes do

¹⁷ Henry Maudsley (1835–1918) - psiquiatra inglês, responsável por estudos de patologia mental, citado por Euclides ao longo de sua obra sobre Canudos.

¹⁸ O *kitsch* das expressões é proposital, pois caricata o próprio “anseio pelo longínquo e aposento historicizante”, tão típico do século XIX, *kitsch* em si mesmo (Cf BLOCH, 2005. p. 345- 382).

progresso contínuo, não renunciaria que a história é sempre intervalo, descontinuidade, onde sempre se está a viver e referir, simultaneamente, o passado, presente e futuro?

Se o tema da cultura popular, como demonstrou Michel de Certeau, é somente desenvolvido na época moderna, instaurando-se o museu das antiguidades populares (REVEL; CERTEAU; JULIA, 1989:49-50); o fascínio pelo bárbaro, pelo popular, enquanto cultura de homens rústicos, originários, não assumiria o sentido de retorno ao passado, como à infância da humanidade, a providenciar a permanência identitária ao presente, orientando, assim, os homens no tempo esgarçado da modernidade? Se a identidade serviu, como mostrou o século XX, tanto para unir em sentido fraterno, quanto para integrar em sentido totalitário, quais as consequências que abeiram *Os Sertões*, quando este fez a dileção do sertanejo? Afinal, a apologia do nacional e do popular não conveio tanto as esquerdas, para a contestação dos males coloniais, quanto aos regimes de direita, em suas propagandas ufanistas e elaborações míticas? Questões que a dissertação propõe, ainda que, talvez, nem todas possa resolver.

Embora aprecie fortuna crítica considerável, a relação de *Os Sertões* com a história não foi ainda aprofundado, talvez por voltar a figurar entre a tradição retórica de historiografia somente com os trabalhos mais recentes (LIMA,1997; BOLLE, 2004). Embora, como sustenta Francisco Foot Hardman, a representação da História e a atração pelas ruínas e antiguidades de Euclides da Cunha devem ser buscadas no romantismo (HARDMANN,1996), estes elementos ainda não foram tomados como um problema de consciência histórica.

Produziu-se no subcontinente americano um cânone historiográfico a partir da ideia de essência nacional, resultando nas diversas histórias de *formação* (do Brasil, da literatura, da América Latina) ou de busca pelas raízes da nacionalidade.¹⁹ Essas interpretações não questionaram o sutil principio teleológico contido em sua abordagem da história. O conceito de formação, além de principiar pela ideia de um caminho linear à que se sucede a história, também a preocupação com a identidade territorial obscurece os diálogos culturais, as transferências recíprocas de ideias, as traduções intelectuais (MALERBA, 2007:351-370).

¹⁹ Pode-se pensar nos livros clássicos: *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Jr.; *Raízes do Brasil*, de Sergio B. de Hollanda; *Formação da Literatura Brasileira*, de Antônio Cândido. *Radiografia de la pampa*, de Ezequiel Martínez Estrada; entre outros (Cf. WASSERMAN, 2007).

A crise de sentido, vivenciado pelo que se chama de pós-modernidade, coloca em causa as noções de progresso e de nacionalidade, que fundamentaram historicamente os estados modernos. Abre-se, portanto, o questionamento das maneiras como as culturas do passado se relacionavam com seu tempo, problematizando como se pensou a História. Destarte, *Os Sertões* torna-se fonte para o questionamento da consciência histórica moderna, da relação de nossa cultura com a história, assim como permite o diálogo com outras obras e tradições, em uma perspectiva transcultural.

BIBLIOGRAFIA

ANKERSMIT, Frank. R. Historical Representation. IN: **History and Theory**, v. 27, pp. 205-228, 1988.

AUERBACH, Erich. **Ensaio de Literatura Ocidental**. Filologia e Crítica. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2007.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. v.1 Rio de Janeiro; Contraponto, Ed.UERJ, 2005. p. 345- 382.

BOLLE, Wille. **grandesertão.br**: o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas cidades, Ed. 34, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARR, David. **Time, Narrative, and History**. Indiana University Press, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. Writing vs. Time: History and Anthropology in the Works of Lafitau. In: **Yale French Studies**, No. 59, Rethinking History: Time, Myth, and Writing (1980), pp. 37-64.

CHARTIER, Roger. “Cultura Popular”: revisitando um conceito historiográfico. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995. pp. 179-192.

CRISTÓVÃO, Fernando. “A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito (A *Divina Comédia* do Sertão)”. **Revista da USP**, nº 20, dez./jan./fev. 1993-1994.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Campanha de Canudos. São Paulo: *Circulo do Livro*, 1975. [1902]

DECCA, Edgar de.; GNERRE, Maria L. A. Trauma e história na composição de *Os sertões*. IN: NASCIMENTO, J. L. do. (org.) **Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

DOMINGUES, Ivan. **O fio e a trama**: reflexões sobre o tempo e a história. São Paulo: Iluminuras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

DOSSE, François. **História e Ciências Sociais**. Bauru, SP : Edusc, 2004.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Euclidiana** : ensaios sobre Euclides da Cunha. São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

GALVAO, Walnice Nogueira. Metamorfoses do sertão. In: **Estudos Avançados**. 2004, vol.18, n.52, pp. 375-394.

GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, Roberto. **Myth and archive**: a theory of Latin American narrative. Cambridge University Press, 1990. IN: **The Cambridge History of Latin American Literature. Volume 3**: Brazilian literature; bibliographies. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

HARDMAN, Francisco Foot. Brutalidade antiga: sobre história e ruína em Euclides. IN: **Estudos Avançados**, 10(26), 1996. pp. 293 – 310.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, Puc Ed-Rio, 2006.

LIMA, Luiz Costa. **Terra ignota**: a construção de Os sertões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MÜLLER, Harro. Constructions of Time in the Literature of Modernity. IN RÜSEN, J. (org.) **Time and History**: The Variety of Cultures. New York, Oxford: Berghahn Books, 2007. pp. 93 – 108.

PAZ, Octávio. **Os filhos do barro**: do romantismo a vanguarda. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1984.

PRÓ, Diego F. Sarmiento y el historicismo romántico. In: **Cuyo**, Anuario de Historia del Pensamiento Argentino, tomo VIII, Universidad Nacional de Cuyo, 1972. pp. 195 – 214.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP.: Ed. Unicamp, 2008.

RÜSEN, J. (org.) **Meaning and Representation in History**. New York, Oxford: Berghahn Books, 2006.

RÜSEN, J. (org.) **Time and History**: The Variety of Cultures. New York, Oxford: Berghahn Books, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica.** Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Ed. UNB, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão.** 4.ed. São Paulo : Brasiliense, 1995.